



POLÍTICA OPERÁRIA

Aos operários e demais trabalhadores: Defender emprego a todos, salário mínimo vital, saúde e educação pública, moradia e direitos, por meio da ação direta, das greves e manifestações! Nenhuma ilusão nas eleições burguesas!

A classe operária e demais explorados estão sendo bombardeados nos meios de comunicações pelas promessas e mentiras de todos os candidatos e partidos burgueses nas eleições municipais.

São muitas as razões para não votar em nenhum deles. A primeira: todos falam que irão defender os trabalhadores. Mentira. Tanto o PT, PCdoB, PV, PSOL, que estão no governo de frente ampla de Lula, quanto os partidos de oposição, como o PL de Bolsonaro, PP, União Brasil, Republicanos etc., aprovaram o valor do salário mínimo de R\$ 1.412,00, que condena 35% dos trabalhadores registrados e os aposentados que trabalharam a vida inteira a viver na miséria.

Segunda razão: todos os partidos ligados ao governo e da oposição, o chamado “centrão”, são a favor de continuar pagando a dívida pública, que é um verdadeiro saque do dinheiro público pago aos banqueiros. Somente em 2023, o governo Lula/Alckmin pagou R\$ 816,2 bilhões em juros aos credores da dívida pública, que compraram títulos dessa dívida.

Terceira razão para não votar em nenhum deles: enquanto os candidatos do PT e dos demais partidos que apoiam o governo falam na campanha eleitoral que irão defender melhores salários, a saúde e a educação pública, o governo Lula e seu ministro Haddad, para manter o “déficit zero”, e garantir o pagamento dos juros da dívida pública, decretou 0% de aumento aos professores e servidores federais em 2024; está criminalizando as greves; aplicando multas aos sindicatos e descontando os dias de greve do salário dos trabalhadores do INSS, que estão em greve desde julho, reivindicando aumento salarial e direitos.

Quarta razão para não votar em nenhum desses partidos: em São Paulo, por exemplo, Ricardo Nunes, que promete melhorar o transporte, a saúde, a educação... é apoiado por Tarcísio de Freitas, que é bolsonarista e junto com Nunes está privatizando as escolas, a saúde, os transportes, o serviço de água e esgoto, fechando salas de aula da EJA, reprimindo e demitindo os trabalhadores que estão lutando em defesa da educação pública, dos empregos, salários e direitos. Tarcísio privatizou a Sabesp, as linhas 7, 8 e 9 da CPTM e já indicou para licitação as linhas 11, 12 e 13 para os empresários lucrarem bilhões com o serviço de transporte e a água.

A maioria explorada também não deve votar nos partidos ditos de “esquerda”, como o PCO, PSTU, PCB, UP e outras correntes políticas centristas que estão pedindo votos, prometendo melhorar a vida dos trabalhadores, e que mentem afirmando que se chegará ao socialismo por meio das eleições, votando em seus candidatos. A classe operária e demais trabalhadores devem rechaçar a política de conciliação, oportunista e eleitoreira desses partidos que se dizem

No dia 6 de outubro

VOTE NULO, digite 00!

Em defesa da independência de classe e pela construção do Partido Operário Revolucionário!

“socialistas”, mas que, na prática, se forem eleitos, propõem-se a administrar o Estado burguês e a manter, assim, o sistema de exploração e opressão capitalistas.

O POR reafirma que não é possível chegar ao socialismo por meio das eleições, votando neste ou naquele candidato. Deixamos claro que somente expropriando a burguesia do poder por meio de uma revolução social, destruindo o capitalismo a nível mundial, será possível chegar ao socialismo. Frente à ausência de can-

didaturas revolucionárias nestas eleições e à impossibilidade de impor, por meio da ação direta das massas, nossas candidaturas e nosso programa revolucionário, o POR chama as massas exploradas a VOTAREM NULO, em defesa da independência política e da construção do Partido Operário Revolucionário. Chamamos a lutar sob a estratégia da revolução e ditadura proletárias, pela constituição do governo operário e camponês.

Para isso, devemos exigir que os sindicatos e centrais rompam com o governo Lula e a política eleitoreira e convoquem um Dia Nacional de Luta, com manifestações e bloqueios, como preparação da greve geral, para defender os empregos, salários e direitos.

Para colocar fim ao desemprego: lutemos pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários, pela divisão das horas necessárias para produzir nacionalmente, entre todos os trabalhadores, empregados e desempregados, aptos ao trabalho. Pela efetivação dos trabalhadores terceirizados e pelo fim da terceirização. Colocar abaixo as contrarreformas trabalhista e previdenciária e a lei da terceirização.

Para colocar fim à fome e à miséria: lutemos por um salário mínimo vital, que seja suficiente para manter os trabalhadores e suas famílias, calculado pelos próprios trabalhadores. Combater as demissões e o fechamento de fábricas com a greve, com a ocupação de fábricas e implantando o controle operário da produção. Lutar pela estatização sem indenização aos capitalistas, sob o controle operário das fábricas e demais setores da indústria. Fim do pagamento da dívida pública ao capital financeiro e de todos os acordos com o imperialismo.

Encontro Operário

Venha participar do Encontro Operário do Nossa Classe

29/9 • 15h • Santo André Presencial

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias, para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos.

**Entre em contato através do número:
(11) 95446-2020**

Operários efetivos, terceirizados e contratados, lutemos como uma só classe!

Durante a distribuição do Nossa Classe na Bridgestone de Santo André, os operários terceirizados, ao receberem o boletim, mencionaram de forma desanimada que eram terceirizados, dando a entender que o material não seria direcionado a eles. O militante do POR destacou que o Boletim Nossa Classe é direcionado e trabalha para organizar todos os operários, sem distinção do modelo de contrato. Para o POR, os operários terceirizados, contratados e efetivos pertencem a uma mesma classe: a classe operária. Por isso, o Boletim Nossa Classe tem como uma de suas principais reivindicações a luta pela efetivação imediata de todos os trabalhadores terceirizados e contratados, colocando fim à terceirização.

Devemos expulsar a burocracia sindical que negocia acordos que permitem aos patrões demitirem trabalhadores efetivos e contratar trabalhadores terceirizados, que realizam a mesma função, porém, como terceirizados, recebendo cerca de 1/3 do salário dos efetivos. O Nossa Classe levanta a bandeira: emprego não se negocia, se defende com a greve, com a ocupação das fábricas e implantando o controle operário da produção.

O Boletim Nossa Classe reforça que não podemos continuar confiando nos dirigentes sindicais traidores. Está mais do que na hora de nos organizarmos como classe e recuperarmos os sindicatos, que são nosso instrumento de luta, formando uma oposição classista e revolucionária em todas as fábricas.

E para que o trabalho de construção destas oposições seja realizado sem risco de perseguições, convidamos os operários dispostos a lutar a participarem do próximo Encontro Operário do Nossa Classe, que será realizado no dia 29/09, em Santo André. Entre em contato pelo celular: (11) 95446-2020, para juntos construirmos os caminhos para esta luta!

A classe operária deve expulsar os burocratas que utilizam os sindicatos como trampolim político

Nas eleições municipais, estamos vendo vários dirigentes e diretores sindicais se lançando como candidatos, ou pedindo votos para algum candidato. O presidente do Sindicato Metalúrgico de São José dos Campos e região, Weller Gonçalves, ligado à CSP-Conlutas/PSTU, pediu licença do cargo para se lançar candidato a vereador. Weller e demais diretores usam o jornal do sindicato para fazer campanha para os candidatos do PSTU.

O Moisés Selerges, presidente do sindicato metalúrgico do ABC e seus diretores estão visitando as fábricas e chamando os trabalhadores mais uma vez a votarem nos candidatos do PT, como fizeram na eleição de 2022, em que ajudaram a eleger o governo Lula/Alckmin, que está oferecendo 0% de reajuste salarial para os trabalhadores do INSS, que estão em greve, e mantém as contrarreformas trabalhista e previdenciária, e a lei da terceirização, que retiram direitos.

O Cidão, presidente do sindicato metalúrgico de São Caetano do Sul e Mogi das Cruzes, que está há mais de 30 anos na direção do sindicato fazendo o

jogo dos patrões, está usando o sindicato para pedir votos para seu filho Victor Hugo, candidato a vereador pelo PSB.

Todos esses burocratas da CUT, Força Sindical, Conlutas e demais centrais utilizam os sindicatos como trampolim político. Todos se elegem diretores sindicais já pensando em seus próprios interesses econômicos, em fazer carreira na política burguesa, como fez o Lula, ex-presidente do Sindicato Metalúrgico do ABC e atual presidente e representante da burguesia no poder do Estado. Como fez também o Luiz Marinho, atual Ministro do Trabalho, que quando estava na direção do sindicato negociou acordos de demissão em massa, banco de horas, terceirização, PDV, lay-off etc.

Os sindicatos ligados à CUT, Força Sindical, Conlutas e às demais centrais deformaram totalmente o papel original dos sindicatos, que é o de organizar a luta independente da classe operária em defesa de suas reivindicações, e passaram a usar os sindicatos para defender seus próprios interesses. Basta ver a situação dos trabalhadores da Avibras, que estão há mais de 16 meses sem receber o salário.

Formação política do Nossa Classe

A política reformista e a revolucionária nos sindicatos

A política reformista e a revolucionária também se manifestam e se contrapõem no interior dos sindicatos. A política reformista se apoia nos limites do economicismo reivindicativo, ou seja, limita-se a reivindicar, por exemplo, na campanha salarial de cada ano, ou a cada dois anos, o reajuste do INPC mais 1% ou 2%, que não cobrem a inflação real e que mantêm o regime de exploração da força de trabalho.

A política revolucionária, por sua vez, parte das reivindicações econômicas como aumento de salários e direitos, como base para as massas avançarem rumo ao objetivo de destruição do capitalismo e a construção do socialismo. Eis por que para os marxistas os sindicatos têm de cumprir um papel auxiliar do partido na revolução proletária.

Opostamente, para o reformismo, os sindicatos funcionam como auxiliares dos partidos adaptados ao capitalismo e ao regime democrático burguês. O reformismo e as variantes direitistas do sindicalismo combatem o marxismo apoiados nos limites economicistas. Via de regra, apregoam o apoliticismo e o falso conceito de neutralidade dos sindicatos. O reformismo serve de correia de transmissão da ideologia da classe burguesa, contrária à doutrina da luta de classes e às transformações sociais. As correntes antimarxistas fatalmente levam os sindicatos a dependerem do Estado e dos partidos capitalistas. Quando a greve se torna inevitável, procuram imprimir-lhe um caráter pacífico; procuram evitar que ela se potencie como força social revolucionária. Utilizam da tática da divisão, jogam com o tempo, contam com as medidas repressivas; apoiam-se nas camadas mais despolitizadas, contra os piquetes. O papel das direções reformistas é o de impedir que o confronto de classe contra classe se imponha e se agudize.

O POR, através do Boletim Nossa Classe trabalha para impulsionar a luta de classe contra classe, ligando a luta pelo programa próprio de reivindicações à estratégia da revolução e ditadura proletárias.

Weller se candidata a vereador prometendo que vai defender os empregos, porém, como presidente do sindicato não convoca uma assembleia geral dos metalúrgicos de São José dos Campos e região, para defender, por meio da greve geral, os empregos e salários dos trabalhadores da Avibras. Weller e os diretores do sindicato metalúrgico pedem votos prometendo que irão defender os salários, mas negociaram um piso salarial 1/3 menor para novos contratados na General Motores.

O que eles querem, na verdade, é o alto salário de vereador, enquanto negociam salários de fome para os operários. O mesmo faz o Moisés Selerges e os burocratas dos metalúrgicos do ABC e de São Paulo, que negociam a terceirização e um piso salarial de miséria na Mercedes, Volks, GM de São Caetano e demais empresas.

O Nossa Classe chama os operários a construir as comissões de fábrica classistas e revolucionárias, para expulsar a burocracia traidora e eleitoreira, e resgatar os sindicatos para a luta de classes.

Leiam e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Nossa Classe chama os trabalhadores a darem todo apoio ao Jornal Massas!**

